

A FEMINILIDADE E A PSICANÁLISE WINNICOTTIANA: BREVES CONSIDERAÇÕES

FEMININITY AND WINNICOTT'S PSYCHOANALYSIS:
BRIEF CONSIDERATIONS

Kátia Pavani da Silva Gomes

Faculdades Metropolitanas Unidas de São Paulo
kpsgomes@gmail.com

RESUMO: O presente artigo foi escrito com intuito de apresentar a feminilidade como um exemplar da psicanálise de D. W. Winnicott. Visamos indicar que, se para a teoria freudiana o principal fenômeno que ocorre na constituição da feminilidade da mulher se dá a partir do complexo de Édipo, para psicanálise winnicottiana, diferentemente, a constituição da feminilidade se dá em todos os estágios do amadurecimento humano, com conquistas igualmente importantes.

PALAVRAS-CHAVE: Complexo de Édipo; Feminilidade; Psicanálise.

ABSTRACT: This article was written to present the constitution of femininity as an example of D. W. Winnicott's psychoanalysis. In Freudian theory the main phenomenon in the constitution of femininity happens in the Oedipus complex. Different from Winnicott's theory, in which the constitution of

femininity happens in every moment of the maturational process with equally important experiences to femininity.

KEY-WORDS: Oedipus Complex; Femininity; Psychoanalysis.

O objetivo deste artigo é apresentar a feminilidade a partir da psicanálise de D. W. Winnicott e indicá-la como um exemplar desta teoria. Para tanto, nos apoiamos em alguns pressupostos. Primeiramente na revolução paradigmática operada pela teoria winnicottiana em relação à psicanálise freudiana, tal como apresenta e sustenta Zeljko Loparic.¹ O segundo é o de que a teoria freudiana concebe a feminilidade na mulher a partir da resolução do complexo de Édipo. O terceiro e último é que na teoria winnicottiana a feminilidade é compreendida ao longo do processo de amadurecimento da mulher, com experiências igualmente importantes em cada estágio de tal processo.

OS PARADIGMAS EM PSICANÁLISE

O primeiro ponto a ser apresentado diz respeito aos paradigmas da Psicanálise. A mudança de paradigma no interior da psicanálise winnicottiana foi mostrada por Loparic, que utiliza a teoria de Thomas Kuhn para pensar a construção de paradigmas e as revoluções paradigmáticas que acontecem nas ciências.²

Em seu livro *A estrutura das revoluções científicas*, Thomas Kuhn (2001, p.30) descreve o conceito de paradigma considerando-os como realizações científicas que partilham duas características: são suficientemente sem precedentes para atrair um grupo duradouro de partidários e, ao mesmo tempo, criam resoluções suficientemente abertas para que novas resoluções possam ser descobertas pelo grupo redefinido de praticantes da ciência.

Um paradigma, para Kuhn, é composto por generalizações simbólicas (às quais Loparic chama de generalizações-guia), conjunto de valores, problemas exemplares e partes metafísicas.

As generalizações simbólicas são “as expressões, empregadas sem discussão ou dissensão pelos membros do grupo, que podem ser facilmente expressas numa forma lógica” (Kuhn, 2001, p.227). Trata-se dos componentes formais ou facilmente formalizáveis da matriz disciplinar. Segundo Kuhn, “algumas vezes são encontradas ainda sob a forma simbólica [...]. Outras vezes são expressas em palavras”. (Kuhn, 2001, p.227)

O conjunto de valores aparece quando os cientistas precisam identificar uma crise ou escolhem maneiras incompatíveis de praticar sua disciplina. Podem ser caracterizados em três grupos, quais sejam: o das predições, o do julgamento das teorias completas e o que se relaciona à utilidade social da ciência. (Kuhn, 2001, p.229). Os problemas exemplares, segundo o autor, são “as soluções concretas de problemas que os estudantes encontram desde o início de sua educação científica, seja nos laboratórios, exames ou no fim dos capítulos dos manuais científicos”. (Kuhn, 2001, p.232)

As partes metafísicas dos paradigmas são compromissos coletivos com crenças. O autor em comento esclarece que se tratam de “[...] crenças em determinados modelos de modo a incluir também a variedade relativamente heurística”. (Kuhn, 2001, p.228). Especificamente em relação à psicanálise, vale trazer uma esclarecedora citação de Loparic, que define os elementos constitutivos do paradigma da psicanálise freudiana:

[...] é possível dizer que o *exemplar principal* da disciplina criada pela pesquisa revolucionária de Freud é o complexo de Édipo, a criança na cama da mãe às voltas com os conflitos, potenciais geradores de neuroses, que estão relacionadas à administração de pulsões sexuais em relações triangulares.

A *generalização-guia* central é a teoria da sexualidade, centrada na idéia da ativação progressiva de zonas erógenas, pré-genitais e genitais, com o surgimento de pontos de fixação pré-genitais. O *modelo ontológico* do ser humano, explicitado na parte metapsicológica da teoria, comporta um aparelho psíquico individual. A metodologia é centrada na interpretação do material transferencial à luz do complexo de Édipo ou de regressões aos pontos de fixação. Os *valores* epistemológicos básicos são os das ciências naturais. (Loparic, 2005, p.313)

No que se refere ao tema de nosso artigo, podemos afirmar que, para a psicanálise freudiana, a feminilidade ou o desenvolvimento da mulher, é visto a partir da teoria da sexualidade, a qual apresenta a mulher como aquela em que a falta do falo³ é o que lhe constitui, cabendo a ela então a tarefa de aceitar tal falta, o que faz com que a mulher tenha um superego⁴ mais brando e, por isso, maior dificuldade do que os homens, em lidar com a vida cotidiana. Vejamos o que Freud diz a esse respeito:

Não posso fugir à noção (embora hesite em lhe dar expressão) de que, para as mulheres, o nível daquilo que é eticamente normal, é diferente do que ele é nos homens. Seu superego nunca é tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens emocionais como exigimos que o seja nos homens. Os traços de caráter que críticos de todas as épocas erigiram contra as mulheres — que demonstram menor senso de justiça que os homens, que estão menos aptas a submeter-se às grandes exigências da vida, que são mais amiúde influenciadas em seus julgamentos por sentimentos de afeição ou hostilidade — todos eles seriam amplamente explicados pela modificação na formação de seu superego que acima inferimos. (Freud, 1996a, p. 286)

Na psicanálise freudiana a menina sente grande inveja do pênis — que mais tarde será transformada em ciúme — e tem um problema a mais que os meninos para lidar, a saber, a fantasia de que a mãe não lhe deu o pênis ou o tirou dela desenvolve, como cicatriz, um sentimento de inferioridade que dificulta sua tomada de decisões independentes de origens emocionais.

Como nos interessa nesse artigo comparar, à luz do conceito kuhniano de paradigma, o modo como Freud e Winnicott concebem a constituição da feminilidade, cabe-nos, de antemão, indicar como se constituem a generalização-guia e os exemplares da psicanálise de winnicottiana. Segundo Loparic:

O novo *exemplar* proposto por Winnicott é o bebê no colo da mãe, que precisa crescer, isto é, constituir uma base para continuar existindo e integrar-se numa unidade. A *generalização-guia* mais importante é a teoria do amadurecimento pessoal, da qual a teoria da sexualidade é apenas uma parte. (Loparic, 2005, p.313).

A teoria de Winnicott pode ser apresentada como a teoria do processo de amadurecimento humano em três fases, tal como fez Elsa Dias em seu livro sobre a teoria do processo de amadurecimento humano em D. W. Winnicott (Dias, 2003). A primeira é a de dependência absoluta entre mãe e bebê, a segunda é a dependência relativa, e a terceira é a de independência relativa. Quando o bebê nasce, ele não é um adulto pequeno, ainda não é ninguém, vai se tornando uma pessoa conforme integra experiências. O neonato ainda não é constituído como um *ser* que sabe de si e do outro e pode viver sozinho. Este é o estado inicial de não integração. Para ter o sentido de realidade e poder fazer parte dela ele precisará constituir-se como

uma unidade integrada, mas isso só será possível com a ajuda da mãe ou de quem cumpra essa função. Sendo assim:

[...] a integração não é algo que pode ser tomado como garantido; é algo a ser desenvolvido paulatinamente em cada criança. Não é apenas uma questão de neurofisiologia, pois para este processo acontecer são necessárias certas condições ambientais, e realmente, essas são melhor providenciadas pela própria mãe da criança (Winnicott, 1995, p.5).

Com um cuidado suficientemente bom, a mãe propicia condições para que seu bebê consiga ser situado e se situar em um espaço e tempo determinados. As possibilidades de ser do bebê começam a ser reunidas espacial e temporalmente: o que antes era não integrado passa a sofrer maiores experiências de integração, a partir de um cuidado específico da mãe, que Winnicott chama de “holding”. É segurando o bebê que a mãe o reúne, de maneira a protegê-lo e favorecer sua saída, aos poucos, da experiência de não-integração. Para isso a mãe assegura a permanência do bebê no tempo e no espaço.

Neste começo, o bebê está entregue ao que Winnicott chama de *mundo subjetivo*: a mãe proporciona a ele a ilusão de onipotência e lhe possibilita constituir seu próprio mundo e seu *self* (si-mesmo). Concomitante a isso se inicia o alojamento da psique no corpo, ou seja, começa a existir uma pessoa em sua totalidade psique-soma, acontecendo em espaço e tempo determinados. Vejamos o que Winnicott nos diz:

Tão importante quanto a integração é o desenvolvimento do sentimento de que se está dentro do próprio corpo [...] e tranqüilas experiências de cuidado corporal que,

gradualmente, constroem o que se pode chamar uma personalização satisfatória (Winnicott, 1988, p.276).

Ao manejar seu bebê, a mãe o está introduzindo na experiência de ser uma unidade psique-soma, ou seja, esta favorecendo a sua personalização. Este manejo é o que Winnicott conceitua como “handling”. A partir de um “handling” satisfatório, comer e dormir, por exemplo, começam a ser sentidos como necessidades pessoais, e não apenas instintivas.

Mas os seres humanos têm que, além disso, elaborar imaginativamente suas funções corpóreas. Ou seja, mais do que ter um corpo e uma mente, o ser-humano é uma unidade psique-soma que irá se constituir desde quando começa a ter sensações pelos cuidados que recebe quando bebê até os momentos de experiências da vida adulta como as relações sexuais:

Este manejo realizado pela mãe promove o entrelaçamento e o fortalecimento da coexistência entre a psique e o corpo. Constatamos, então, que a constituição do corpo é atravessada pela presença humana da mãe, num processo em que um corpo biológico é humanizado (Dias, 1998, p.46).

As sensações criam memórias, proporcionando material para o bebê começar a fantasiar, além de poder interligar passado, presente e futuro. Isso o ajudará a tolerar adiamentos da satisfação instintual. Os adiamentos conhecidos e tolerados pelo bebê enriquecem sua potencialidade para fantasiar e o fortalecimento do sentimento de realidade da experiência realizada.

Ao ser cuidado pela mãe, o bebê sente, no toque, que é diferente do resto do ambiente. Há o alojamento da psique no corpo e só assim é possível o sentir-se real em um mundo real. Nós não apenas habitamos o corpo, nós somos seres corporais tanto quanto psicológicos, o que nos integra é viver desta maneira sendo psique-soma.

Segundo Winnicott (1994), a psique se fundamenta no aparato do tecido cerebral e gera as condições indispensáveis para a criação da fantasia. Ao elaborar imaginariamente suas demandas instintivas, o bebê, por meio de seus impulsos (como o erotismo muscular), cria material para a construção de sua psique.

Ao organizar o caos inicial do mundo, o bebê conquista um estado de saúde em que as fronteiras de seu corpo coincidem com as fronteiras de sua psique. Além disso, consegue integrar as experiências como eventos temporais (passado, presente e futuro). É da conquista psique-soma, especificamente do soma, que a mente (ou intelecto) se origina, dependendo da qualidade dos tecidos cerebrais para funcionar bem. O bebê, alojado em seu próprio corpo, pode suportar as pequenas falhas da mãe, e assim inicia maior contato com a realidade exterior. A mãe não está mais no “estado de preocupação materna primária”, e o bebê já tolera ritmos diferentes de cuidados.

No texto *Sobre as bases do self no corpo*, Winnicott (1994) apresenta sua concepção de psique e de mente, e explica que a mente auxilia o bebê a catalogar suas experiências, estabelecendo relações entre as ações da mãe e os cuidados que recebe e quando os recebe. Isso o ajuda a distinguir EU e NÃO EU.

Tal diferença auxilia o bebê a entrar na realidade compartilhada, para tanto, ele terá que, paulatinamente, perder a crença de que é o criador do mundo, fenômeno que Winnicott descreve quando o objeto é subjetivamente concebido. Entrar na realidade compartilhada significa, portanto, perceber os objetos objetivamente, ou seja, que há objetos que não são o bebê e nem concebidos por ele. Essa conquista só acontece com o tempo e mediante cuidados maternos suficientemente bons, afinal:

No começo da vida, o bebê não tem maturidade suficiente para saber da existência da realidade externa [...] Separar o si-mesmo dos objetos — que é uma conquista muito sofisticada e depende de outras, anteriores — só se iniciará mais tarde, a partir do estágio do uso do objeto, quando o próprio bebê criar o sentido de realidade que é próprio a externalidade. Depois disto ele terá ainda de completar a conquista, separando o si-mesmo do ambiente total, o que só ocorrerá no estágio do EU SOU (Dias, 2003, p.213).

Se a ilusão for propiciada, a contento, pela mãe ao bebê, ele pode suportar as falhas dela sem que isto seja uma intrusão ao seu *self* (si-mesmo). A desilusão por não ser alguém que crie tudo que queira é tolerada e necessária para que o bebê possa amadurecer e compreender intelectualmente a existência do mundo e da realidade externa.

Porém, como explica Dias:

O sentimento de que o mundo é criado e continuará a ser criado pessoalmente não desaparece. Se o indivíduo permanece vivo, a sua raiz pessoal continua fincada no

mundo imaginativo, e é somente a partir daí que a aceitação do mundo externo não equivale à aniquilação (Dias, 2003, p.217).

Resumindo, o si-mesmo é o resultado de momentos de integração do bebê, no tempo e no espaço. A partir da não-integração que é o bebê inicialmente, os períodos de integração vão ficando mais constantes até se estabelecerem de maneira estável, esta é a condição para que surja um *self* unitário.

As meninas não nascem com a feminilidade constituída, essa vai acontecendo com a vivência de experiências e a realização de tarefas, assim como ocorre com os meninos para constituir sua masculinidade ao longo das fases do processo de amadurecimento humano. As mulheres precisam experimentar a integração no tempo e espaço, a personalização e a entrada na realidade compartilhada entre outras tantas tarefas do amadurecimento humano.⁵

O que há de próprio às mulheres no processo de amadurecimento é o fato de viverem em suas experiências psicossomáticas, de alojamento da psique no corpo⁶, a experiência de ter um corpo de mulher, não restrito à vivência da sexualidade, mas amplamente experienciado desde que a bebê menina inicia sua vida.

Na perspectiva winnicottiana, encontramos a necessidade de compreender a feminilidade na vida das meninas quando a sexualidade ainda não é relacionada pela compreensão da falta do falo. O olhar de Winnicott se dirige a um período anterior às descobertas da diferença anatômica, mais precisamente a um estágio denominado “Eu Sou”, no qual a criança começa a formar uma identidade pessoal:

É neste estágio, bem a propósito denominado EU SOU, que ocorre a conquista da unidade num *eu* integrado.

Embora não se possa determinar idades exatas para as conquistas do amadurecimento, o autor sugere que, por volta de um ano ou um ano e meio, as crianças estão começando a estabelecer a integração da personalidade. Esta integração só alcança maior estabilidade por volta dos dois ou três anos. De qualquer modo, existe um momento bem definido na vida de toda criança em que ela se dá conta de ser uma existência unitária, com algum tipo de identidade estabelecida. (Dias, 2003, p.254)

Winnicott pensa a feminilidade relacionando-a com o estabelecimento de uma identidade pessoal, Freud, por sua vez, pensa a partir da curiosidade da diferença anatômica, da posse ou não do falo e das contingências da situação edipiana. Para Freud:

O complexo de Édipo, contudo, é uma coisa tão importante que o modo por que o indivíduo nele se introduz e o abandona não pode deixar de ter seus efeitos. Nos meninos (como demonstrei amplamente no artigo a que acabo de me referir [1924d] e ao qual todas as minhas atuais observações estão estreitamente relacionadas), o complexo não é simplesmente reprimido; é literalmente feito em pedaços pelo choque da castração ameaçada. Suas catexias libidinais são abandonadas, dessexualizadas, e, em parte sublimadas; seus objetos são incorporados ao ego, onde formam o núcleo do superego e fornecem a essa nova estrutura suas qualidades características. Em casos normais, ou melhor em casos ideais, o complexo de Édipo não existe mais, nem mesmo no inconsciente; o superego se tornou seu herdeiro. De vez que o pênis (para acompanhar Ferenczi [1924]) deve sua catexia narcísica extraordinariamente elevada à sua significação orgânica

para a propagação da espécie, a catástrofe que ocorre no complexo de Édipo (o abandono do incesto e a instituição da consciência e da moralidade) pode ser considerada uma vitória da raça sobre o indivíduo. Isso constitui um ponto de vista interessante quando se considera que a neurose se baseia em uma luta do ego contra as exigências da função sexual. Entretanto, abandonar o ponto de vista da psicologia individual não é qualquer auxílio imediato no esclarecimento dessa complicada situação. Nas meninas está faltando o motivo para a demolição do complexo de Édipo. A castração já teve seu efeito, que consistiu em forçar a criança à situação do complexo de Édipo. Assim esse complexo foge ao destino que encontra nos meninos: ele pode ser lentamente abandonado ou lidado mediante a repressão, ou seus efeitos podem persistir com bastante ênfase na vida mental normal das mulheres. (Freud, 1996a, p.285)

A relevância da vivência das experiências do estágio edípico apenas como mais um estágio no processo de amadurecimento e não mais como divisor de águas entre as meninas que teriam que viver suas vidas referenciadas pela falta, é um dos pilares do modo winnicottiano de entender a constituição da feminilidade. Para o autor, quando há saúde, a falta é sentida apenas no estágio edípico e depois deixa de ser importante, já que outras tarefas terão que ser realizadas.

Na vivência da feminilidade da mulher madura são incluídas as possibilidades de identificação com outro ser humano a ponto de reviver uma situação de dependência total, como, por exemplo, na gravidez e de viver a genitalidade plena de modo a integrar os elementos femininos e masculinos puros, tendo total condição de viver a vida cotidiana madura. Aqui se nota a diferença em

relação aos argumentos apresentados por Freud para compreender a mulher e seu desenvolvimento.

A FEMINILIDADE EM FREUD

A compreensão da psicanálise freudiana sobre a feminilidade será apresentada, nesse artigo, de forma introdutória, com o intuito de situar as diferenças existentes nas bases dessa e da concepção winnicottiana da feminilidade. Utilizaremos a apresentação da teoria freudiana sobre o tema, feita por Chasseguet-Smirgel (1988) em seu livro: *Sexualidade feminina — uma abordagem psicanalítica contemporânea*.

A escolha desta autora foi feita por estarmos em concordância com o modo que apresenta a teoria freudiana sobre a mulher e pela escolha dos textos de Freud que fez para apresentar seu estudo. A utilização de sua organização didática não nos possibilita a permuta pela leitura dos textos de Freud, que citaremos abaixo.

O primeiro é “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1996b), o segundo, ‘*A organização genital infantil: Uma interpolação na teoria da sexualidade*’ (Freud, 1996c), depois ‘*A dissolução do complexo de Édipo*’ (Freud, 1996d) e o último: ‘*Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*’ (Freud, 1996a).

Nos textos citados, Freud inicialmente propôs um monismo sexual. Apenas o órgão genital masculino seria reconhecido por meninos e meninas, eles com o pênis e elas com seu correspondente, o clitóris. Desde o artigo: ‘*Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*’ (Freud, 1996a) o

fundador da psicanálise enfatiza a existência de um complexo de castração⁷ em meninos e meninas e a inveja do pênis nelas, além disso, inicia a sua explicação acerca do núcleo das neuroses como a repressão da sexualidade vivida pelas meninas e sublinha o papel fundamental do *Complexo de Édipo* em tal núcleo.

Nesse artigo Freud deseja completar as idéias sobre a sexualidade infantil lançadas na obra “Três ensaios sobre a sexualidade”. Após anos de experiência e observação psicanálticas, ele chegou a inferir a existência de uma diferença relativamente mínima entre a organização da sexualidade infantil e da sexualidade adulta, ambas implicando a escolha de um objeto e o direcionamento das pulsões para esse objeto. A diferença reside no fato de que a organização adulta é *genital* enquanto que a organização infantil é *fálica*.⁸

A teoria freudiana apresenta o seguinte quadro: o menino vive o medo da castração, pois seus desejos libidinosos voltam-se para a mãe e a menina, como é desde sempre castrada e não tem medo de tal castração, se rebela contra a mãe por ter-lhe feito sem pênis e se volta para o pai que se torna objeto de sua libido. O desejo de ter um filho do pai pode funcionar como substituto do pênis. A gênese do superego⁹ na menina é mais externa e de difícil formação do que a do superego do menino, pois esse se identifica com a severidade do pai e a teme.

Mais tarde, na década de 30, Freud escreveu mais dois artigos fundamentais para a compreensão de sua visão acerca da mulher: “Sexualidade feminina” (Freud, 1996f) e “A feminilidade” (Freud, 1996g). Em tais artigos apresenta as idéias de que para a menina o problema edipiano está na necessidade de mudança de objeto da mãe para o pai e em ter que mudar de órgão por onde passa a

libido, do clitóris para a vagina. O papel do complexo de castração na mulher lhe confere ser membro da sociedade em função de aceitar a castração como fato e formar um superego.

Para concluir esta breve apresentação das idéias de Freud sobre o tema é preciso esclarecer que embora não faça uma relação direta entre atividade e masculinidade, e passividade e feminilidade, o autor entende a agressão como uma possibilidade masculina, e não feminina, e a virilidade também. Em conseqüência disso, propõe a existência da relação com um objeto passivo e do fato de a mulher ser socialmente colocada em posição passiva. Freud apresenta a mulher como um ser inferior pela própria natureza, pois lhe falta o *falo* e isso lhe confere uma nativa inferioridade com a qual precisa conviver, superar ou esconder.

A FEMINILIDADE EM WINNICOTT

A psicanálise winnicottiana, por sua vez, introduz um modo de ver a mulher e sua feminilidade bastante diferenciado da psicanálise clássica.

De maneira sumária, podemos dizer que Winnicott ao teorizar sobre a mulher, primeiro a pensa como um ser humano, independente do gênero ou do sexo, que precisou se integrar e crescer e, conforme integrou o tempo e o espaço e elaborou imaginativamente seus sentimentos e suas partes do corpo, constituiu diversos modos de ser si mesma, inclusive um modo feminino, que não diz respeito a maneirismos, mas a diferentes experiências vividas em estágios da vida da mulher. De alguma forma esses estágios incluem seu soma e sua psique e o alojamento

da psique no soma, bem como, o modo como o corpo de mulher é elaborado imaginativamente.

Faço agora uma breve reapresentação dos conceitos de soma e elaboração imaginativa das funções corporais para explicar a importância da aquisição da experiência de ter a psique alojada no corpo. Nossa intenção, nesse momento do artigo, é relacionar tais conceitos com a forma como Winnicott pensa a feminilidade. Com o intuito de sumariar sobre o modo como o conceito de soma é abordado pela teoria winnicottiana, usaremos uma esclarecedora citação de Dias:

O soma é o corpo vivo, que vai sendo personalizado à medida que é elaborado imaginativamente pela psique. Esse corpo vivo é físico, sem dúvida, mas não meramente fisiológico ou anatômico; não, certamente, a máquina física, autônoma em relação à psique, da qual se ocupa a medicina clássica; portanto, não é um corpo que possa ser estudado por meio de cadáveres. O corpo vivo é um aspecto do “estar vivo” do indivíduo; da vitalidade deste, como pessoa, fazem parte intrínseca a respiração, a temperatura, a motilidade, além da vitalidade dos tecidos, uma vez que, sendo o corpo vivo, “os tecidos estão vivos e fazem parte do animal como um todo, sendo afetados pelos estados variáveis da psique daquele animal”. (Dias, 2003, p.104)

A elaboração imaginativa das funções corporais organiza-se em fantasias individuais, portanto, específicas, determinadas pelas partes do corpo que estão sendo elaboradas imaginativamente, que podem ser referidas aos processos digestivos, ao estômago, à boca, ao que há dentro da barriga, à excreção, ou podem também,

serem fantasias relacionadas à excitação genital, dependendo de em qual órgão está sendo dada ênfase. (Winnicott, 1990, p.69). Na saúde é necessário que as fronteiras do corpo sejam também as fronteiras da psique, que o corpo de menina seja congruente com a psique da menina, que as elaborações imaginativas dos órgãos das meninas auxiliem no desenvolvimento de sua feminilidade.

Exemplos da congruência entre o desenvolvimento da psique e do corpo a partir dos órgãos que são elaborados imaginativamente podem ser vistos em meninas e meninos em diferentes momentos, um deles ocorre com o surgimento de fantasias de que há algo dentro de sua barriga. Nos meninos a vivência de tal fantasia ocorre na elaboração imaginativa das funções corporais ligadas à digestão e excreção, nas meninas a vivência de tal fantasia, além de ter essa função, ainda viabilizará, mais tarde, a fantasia de que poderá ter um bebê dentro daquela barriga. A partir do exposto, podemos dizer que, na perspectiva winnicottiana, a elaboração imaginativa das funções corporais faz parte do desenvolvimento da feminilidade.

A feminilidade, na psicanálise winnicottiana, só pode ser compreendida a partir de sua teoria do amadurecimento humano que inclui, dentre outras coisas, uma teoria da sexualidade que é uma segunda base para o estudo proposto. Nossa intenção é indicar a diferença desta teoria em relação a teoria freudiana, baseada na estruturação e resolução do complexo de Édipo.

Para Winnicott existe uma tríade que constitui toda mulher. A bebê, a moça e a mulher adulta. A feminilidade é constituída pelas experiências e aquisições que a mulher faz nos diferentes

estágios do processo de amadurecimento humano, por identificação com outras pessoas e com base nos instintos:

As aquisições principais realizadas ao longo desse processo são duas: 1) o desenvolvimento da vida instintual, que consiste na elaboração imaginativa de todos os instintos — impulsos de natureza biológica —, integração desses instintos no si-mesmo e nas relações interpessoais, duais, triangulares ou múltiplas, terminando por estabelecer a sexualidade como tipo instintual dominante na fase adulta e 2) o desenvolvimento de características sexuais não fundadas biologicamente, decorrentes de inter-relacionamentos de diferentes tipos. (Loparic, 2005, p.315)

Ser mulher e ter um corpo de mulher constitui a feminilidade e tal constituição se processa a partir das duas raízes do processo de amadurecimento humano, quais sejam: a instintual e a de interações não instintuais. Nas primeiras, a bebê experiência seus instintos, vistos por Winnicott como muito próximos ou idênticos às vivências instintuais de qualquer outro animal. Para o autor inglês não há grande relevância em diferenciar se há um, dois ou vários instintos (Winnicott, 1990, p.57). O que não significa que os instintos sejam irrelevantes na existência humana, mas que passam a ter importância conforme a experiência pessoal que cada indivíduo faz a partir da elaboração imaginativa das funções corpóreas.

O que diferencia o homem do animal não é o tipo ou número de instintos, mas o que acontece com estes na vida humana e na vida animal, respectivamente. No

homem, muito mais que no animal, as excitações instintuais e as funções corpóreas em geral são gradualmente integradas na pessoa total mediante a elaboração imaginativa. A elaboração imaginativa não é sinônimo de fantasia sexual. É uma atividade da psique humana que abraça as funções, as excitações e as sensações corpóreas em geral, assegurando a sua unificação e organização. (Loparic, 2005, p.319)

Acerca das relações interpessoais sem base nos instintos, podemos dizer que elas se dão de modo que a bebê, na fase de absoluta dependência, nem se sabe um ser humano, portanto, inicialmente não podemos afirmar literalmente que a bebê se relaciona ou convive com a mãe, pois ela só poderá se sentir existente e capaz de viver com os outros a partir dos cuidados que recebe da mãe, portanto, na fase de extrema dependência, é mais factível afirmar que a bebê é os cuidados da mãe. Vale destacar que:

[...] na fase de extrema dependência, a “provisão ambiental” é, segundo Winnicott, “anterior ao conceito de *viver com*”. Isto significa que o *holding* inicial não representa uma relação entre pessoas inteiras, uma relação de *con-vivência*. Pois, a expressão *viver com* implica “relações objetais, e a emergência do lactente do estado de estar fundido com a mãe, e sua percepção dos objetos como externos a ele próprio”.(Winnicott, 1960c,p.44) Nenhuma destas operações estão garantidas de antemão e só poderão se efetivar sob condições favoráveis. Inicialmente não há objeto interno nem externo, não é possível pressupor um indivíduo “com uma membrana limitadora e um exterior e um interior” (Winnicott, 1953c,

p.15). Apesar de o bebê poder ser duramente afetado pelo ambiente, a ponto de comprometer sua chance de ser saudável, não é factível afirmar que se trata de um indivíduo que tem a posse de si e percebe o que está em seu entorno como uma realidade externa, podendo *viver com* os outros e conviver consigo mesmo. (Ribeiro, 2008, p.214))

Só a partir das experiências integradoras, oriundas de um cuidado ambiental suficientemente bom, será possível falar da constituição de um *self* (si-mesmo), isto é, da a conquista do estatuto do Eu Sou. Ao alcançar esta conquista, a bebê passa a poder se relacionar, literalmente, com a mãe, mais tarde precisará destruí-la em fantasia para poder iniciar as conquistas do estágio subsequente, a saber, o estágio do concernimento¹⁰. No que se refere ao tema que nos interessa nesse artigo, é pertinente salientar que a identificação com a mãe, mesmo que não reconhecida, faz parte do processo de amadurecimento e da constituição da feminilidade de toda menina. Nesse sentido, Winnicott afirma:

MULHER é a mãe não reconhecida dos primeiros estágios de vida de todo homem e de toda mulher. Seguindo essa ideia, podemos encontrar um novo modo de especificar a diferença entre os sexos. As mulheres o possuem quando se relacionam com a MULHER, através de uma identificação com ela. Para toda mulher, há sempre três mulheres: 1) a bebê fêmea, 2) a mãe, 3) a mãe da mãe. (Winnicott, 2005, p.193)

A constituição da feminilidade ocorre desde as primeiras experiências de cuidados, que favorecem a integração das partes do corpo, inclusive o genital feminino. Posteriormente se consolida na

possibilidade de cuidar e se identificar e poder ser o ambiente, suportar nova relação de dependência¹¹, na qual outros dependam dela, temporariamente.

A bebê menina que teve uma mãe suficientemente boa, mãe ambiente e mãe objeto¹², que se identificou com a filha e possibilitou que ela “começasse a ser” poderá se identificar com a mãe tanto como aquela que cuida como aquela que tem uma genitalidade específica própria ao órgão genital feminino. Além de ser uma pessoa ela é uma menina que será uma mulher. Isso se dá quando a menininha pôde se identificar com a mãe e depois com o pai, pôde integrar seus impulsos amorosos destrutivos.¹³

Na adolescência, algumas dessas experiências são fortalecidas, ou quando não ocorrem há, nesse período, uma segunda chance para tal. De um modo ou de outro temos aqui o que ocorre com as moças: a possibilidade real de ser ou não ser mães, baseadas em quem escolhem para serem seus parceiros amorosos e se irão ou não engravidar. Com o início da vida sexual esta questão é intrínseca para as mulheres, independente de se efetivam ou não a gravidez e a maternidade, além desta questão, outras experiências estarão sendo vividas nesse período e novas tarefas realizadas no processo de amadurecimento.

A mãe da mãe, ou a mulher adulta, encerra a tríade feminina, com a condição de possibilidade de cuidar dos filhos e netos, sem efetivar uma relação de dependência absoluta novamente. É aquela que resguarda o sentimento de lar constituído na relação mãe/bebê e mãe/pai/criança, a partir da confiabilidade ocorrida na relação da avó com seus filhos e netos.

A teoria de Winnicott inclui, para a compreensão da feminilidade, diferentes experiências a serem integradas e

elaboradas ao longo da vida de uma pessoa. Experiências que se iniciam desde o nascimento e só terminam com a morte.

Tenho uma tendência natural para considerar esse assunto em termos do desenvolvimento do indivíduo, desenvolvimento que começa no início de tudo e vai até o momento da morte, na velhice. Desenvolvimento é minha especialidade. Não me preocupa definir se o homem é melhor do que a mulher [...]. Tudo isso deve ser deixado para os poetas. (Winnicott, 2005, p.183)

Winnicott foi um pediatra que se preocupou com a psicologia das crianças e isso o levou a estudar psicanálise, mas suas idéias demonstram que sua concepção de ser humano é original e própria e, muitas vezes, não está em concordância com os conceitos e explicações dados pela psicanálise freudiana.

Como explica Dias em seu livro sobre a teoria do amadurecimento humano, um dos pontos de diferença entre Winnicott e Freud:

Refere-se ao fato de a psicanálise freudiana ter sido construída nos moldes de uma ciência natural e [...] são as funções biológicas que fornecem o modelo básico para o funcionamento do psiquismo primitivo e isto se mostra, por exemplo, no modo como foi formulada a progressão das zonas erógenas que marcam as fases da sexualidade. (Dias, 2003, p.77)

A constituição da feminilidade acontece durante o processo de amadurecimento e inclui a elaboração imaginativa das funções corporais e da integração psique-soma. Os órgãos genitais podem ficar excitados em bebês, mas isto não está relacionado, no começo

da vida, com fantasias em relação a outras pessoas, não concerne a um erotismo pulsional, representam apenas excitação como impulso. Ou seja, no início da vida a feminilidade da mulher não está sempre relacionada à fantasias e excitação do órgão genital feminino, ao invés, diz respeito ao modo com que o corpo da mulher é elaborado imaginativamente e como isso influencia um modo de ser si mesma e se sentir sendo si mesma.

Este modo de ser si mesma relacionado à feminilidade é experienciado de diferentes maneiras pela mulher de acordo com a fase de amadurecimento em que se encontra. A teoria winnicottiana apresenta um longo caminho desde o nascimento até a entrada da criança no estágio do *Complexo de Édipo*, e antes de haver o desejo pelo pai, há a identificação com a mãe, e muitas tarefas a serem realizadas antes mesmo dessa identificação.

A feminilidade pode ser pensada como um exemplar da psicanálise winnicottiana à medida em que esclarece que o desenvolvimento da mulher ocorre ao longo do processo de seu amadurecimento, isto implica dizer que ter um corpo de mulher não é suficiente para ser mulher, tal corpo precisa ser experienciado, vivido de maneira que ser mulher implica em elaborar imaginativamente os sentimentos e as funções corpóreas durante toda a vida. Sendo assim, o senso de justiça e a vivência ética das mulheres não podem ser considerados menores ou inferiores, e a menina não começa a ser diferente do menino na vivência do estágio do Complexo de Édipo, ela começa a ser menina desde que nasce e só termina o desenvolvimento de sua feminilidade quando morre.

Com o estudo do modo winnicottiano de compreender a constituição da feminilidade, podemos perceber que o

exemplar principal utilizado nesta compreensão não é a triangulação edipiana, mas a relação mãe-bebê desde a primórdia dependência absoluta, na qual o bebê esta num estado de não-integração. Daí decorre que a *generalização-guia* não pode ser mais o desenvolvimento psicosexual das zonas erógenas, mas, sobretudo, uma teoria do amadurecimento humano, da qual, os elementos sexuais e instintuais são apenas uma parte. Nesse sentido, podemos dizer que a psicanálise de Winnicott, ao nos fornecer uma outra perspectiva para a abordagem da feminilidade, deixa de pagar tributo ao *exemplar principal* e a *generalização-guia* central da teoria freudiana. Por isso, entendemos que a teorização winnicottiana da feminilidade é um exemplar cativo ao seu modo inaugural de compreender o amadurecer humano e representa uma mudança radical em relação à psicanálise tradicional.

NOTAS

¹ Apresentadas pelo autor citado em seus artigos: '*Winnicott: uma psicanálise não edipiana*' (S/A), '*Esboço do paradigma winnicottiano*' (2000), e '*Elementos da teoria winnicottiana da sexualidade*' (2005).

² Aqui não discutiremos se o conceito de paradigma de Kuhn pode ser aplicado à Psicanálise, autores como Zeljko Loparic e Leopoldo Fulgêncio (2007), em seu artigo: '*Paradigmas na história da psicanálise*', fizeram tal discussão em pormenores. Nesse trabalho o objetivo é focar na feminilidade como um exemplar da teoria winnicottiana.

³ O termo *Falo*, segundo Laplanche e Pontalis, sublinha a função simbólica desempenhada pelo pênis na dialética intra e intersubjetiva, enquanto o termo

“pênis” é sobretudo reservado para designar o órgão na sua realidade anatômica. Este primado do *falo* para os dois sexos, para Freud, tem correlação com o fato de que a criança do sexo feminino ignoraria a existência da vagina. Cf.: Laplanche e Pontalis, 1998, p.166.

⁴ Mais adiante, abordaremos a origem e a função do superego na teoria freudiana.

⁵ Para melhor compreensão destas tarefas ver, Dias, 2003.

⁶ Como vimos, a vivência do alojamento da psique no corpo se dá paulatinamente, pois, o bebê quando nasce ainda não tem a sensação de ter um corpo pessoal, menos ainda de um corpo feminino ou masculino. Uma dedicação materna suficientemente boa fomenta o início do alojamento da psique no corpo, ou seja, oferece condições para começar a existir uma pessoa em sua totalidade psique-soma, habitando um corpo de menina ou de menino. Podemos verificar explicações acerca dessa mudança no amadurecimento da criança em textos de Winnicott, como o capítulo 1 (um) do livro ‘*O brincar e a realidade*’ (1975) e o capítulo 23 (vinte e três) do livro ‘*A criança e seu mundo*’. (1977)

⁷ Para Freud a castração se explica na menina, no sentido de que ela: “não entende sua falta de pênis como sendo um caráter sexual; explica-a presumindo que, em alguma época anterior, possuía um órgão igualmente grande e depois perdera-o por castração. (Freud, 1996a, p.198)

⁸ Na menina que vive a fase anterior a puberdade, a excitação está direcionada ainda à valorização do pênis, depois, na fase genital o que é excitado e sofre recalçamento é o clitóris. Para melhor compreensão de tais transformações ver: Freud, ‘*Zonas dominantes no homem e na mulher*’, 1996b, p.208.

⁹ Freud escreve neste trecho uma importante consideração acerca da origem do superego: “Se considerarmos mais uma vez a origem do superego, tal como a descrevemos, reconheceremos que ele é o resultado de dois fatores altamente importantes, um de natureza biológica, a saber: a duração prolongada, no homem, do desamparo e dependência de sua infância, e o fato de seu complexo de Édipo, cuja repressão demonstramos achar-se vinculada à interrupção do desenvolvimento libidinal pelo período de latência, e, assim ao início da vida sexual do homem. (Freud, 1996e, p.47). O superego conceituado por Freud é uma das instâncias da personalidade, que nessa estrutura faz às vezes de um juiz, criticando, censurando e julgando os conteúdos psíquicos originados do

desejo. A instauração do superego se dá quando há uma identificação bem-sucedida com a instância parental, advindas da renúncia da satisfação do desejo edipiano marcado pela interdição paterna. Cf.: Laplanche e Pontalis, 1998, p.497.

¹⁰ O estágio citado aqui não será descrito, pois seria necessário tempo e espaço demais. Gostaria de indicar que esta temática pode ser encontrada no capítulo 20 (vinte) do livro de Winnicott intitulado *Textos selecionados da pediatria à psicanálise*. Cf. Winnicott, (1988)

¹¹ Como vimos, a primeira fase do estágio do amadurecimento humano é a denominada fase de dependência absoluta, na qual o bebê depende inteiramente dos cuidados da mãe para sobreviver e dar continuidade ao seu amadurecimento, esta relação de dependência absoluta, tal qual acontece nos primeiros tempos de vida de um bebê, só poderá ser vivida novamente pelas mulheres que forem mães e tiverem agora no outro papel: o de ser de quem o bebê depende. Trata-se, portanto, de uma oportunidade de reeditar o mesmo modo de relação: o de dependência absoluta. Para melhor compreensão do tema ver: Parte dois, do livro de Winnicott, *Pensando sobre crianças*. Cf. Winnicott (1997)

¹² Explicando as duas de modo bastante sucinto, podemos dizer que a mãe ambiente é a que ainda não é diferenciada pelo bebê, nos primeiros meses de vida, é aquela que é parte dele. A mãe objeto é aquela que é diferenciada dele quando o bebê pode ter a mãe como outra pessoa diferente dele. Para melhor compreender o tema, ver o artigo “O desenvolvimento da capacidade de se preocupar”, no livro: *O ambiente e os processos de maturação* (Winnicott, 1983)

¹³ [...] ‘para o psicanalista inglês, o impulso amoroso primitivo, aquele que pode ser atribuído, de maneira apropriada, a o lactente nos estágios mais primitivos do seu amadurecimento, é indistinguível do impulso agressivo e destrutivo, também considerado primário’. (Loparic, 2005, p.318)

REFERÊNCIAS

CHASSEGUET-SMIRGEL, J. *“Sexualidade feminina — uma abordagem psicanalítica contemporânea”*. Porto Alegre: Artmed, 1988.

DIAS, E. *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

DIAS, E. *A teoria das Psicoses em D. W. Winnicott*. Tese de doutorado, São Paulo: PUC-SP. 1998.

FREUD, S. *Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996^a, v. XIX.

FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996^b, v. VII.

FREUD, S. *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996^c, v. XIX.

FREUD, S. *A dissolução do complexo de Édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1996^d, v. XIX.

FREUD, S. *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1996^e, v. XIX.

FREUD, S. *Sexualidade feminina*. Rio de Janeiro: Imago, 1996^f, v. XIX.

FREUD, S. *A feminilidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996^g, v. XIX.

FULGÊNCIO, L. “Paradigmas na história da psicanálise”. *Revista Natureza Humana*. jan./jun. 2007, v. 9, 1, p.97 a 128.

KUHN, T. S. “*A estrutura das revoluções científicas*” São Paulo: Perspectiva, 2001.

LAPLANCHE E PONTALIS “*Vocabulário da Psicanálise*”, São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LOPARIC, Z. “Elementos da teoria winnicottiana da sexualidade”. *Revista Natureza Humana*. jul./dez. 2005, v. 7, 2, p.313.

LOPARIC, Z. Uma psicanálise não-edipiana, Unicamp/Pucsp, s/a.

LOPARIC, Z. Esboço do paradigma winnicottiano. Leitura proferida na Squiggle Foundation, Londres, 2000.

RIBEIRO, C. V. *A crítica de Heidegger à herança metafísica da psicanálise freudiana e a possibilidade de uma psicanálise não-metafísica*. Campinas: Unicamp, 2008. (Tese de doutorado)

WINNICOTT, D. W. O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D. W. Relacionamentos interpessoais. In: *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

WINNICOTT, D. W. A sexualidade infantil. In: *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

WINNICOTT, D. W. Sobre as bases para o self no corpo. In: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994.

WINNICOTT, D. W. Este Feminismo. In: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WINNICOTT, D. W. A criança e o sexo. In: *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

WINNICOTT, D. W. Objetos Transicionais e fenômenos transicionais. In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. *Textos selecionados da pediatria a psicanálise*, Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1988.

WINNICOTT, D. W. *The family and Individual development*. London: Routledge, 1995.

WINNICOTT, D. W. *Pensando sobre crianças*. Porto Alegre: Artmed, 1997.